

Com Oscar na estante e bom momento do cinema do País no exterior, Festival de Gramado foi oportunidade para discutir o futuro da filmografia nacional

reportagem cultural

Gramado e a autoestima renovada do cinema brasileiro

Igor Natusch

Não é exagero nem fora de propósito dizer que, este ano, o Festival de Cinema de Gramado aconteceu em um clima um pouco diferente. E, ao dizê-lo, não nos referimos ao frio natural de agosto na Serra Gaúcha (menos intenso, de fato, do que em anos idos), mas mais especificamente a um outro tipo de temperatura, aquela que se pode medir nas conversas de bastidores, na troca de figurinhas antes dos debates ou do começo das sessões. De certa forma, o evento cinematográfico que movimentou a cidade entre os dias 13 e 23 de agosto deste ano trouxe consigo um subtexto inevitável - um significado que, mesmo dizendo algo diferente para cada um dos presentes, estava sempre lá, exigindo algum tipo de ponderação.

Afinal, pela primeira vez em seus 53 anos de história, o Festival de Cinema de Gramado aconteceu em um Brasil vencedor do Oscar.

Não que a consagração de Walter Salles, Fernanda Torres e *Ainda Estou Aqui* seja um evento isolado, é claro. Temos *O Agente Secreto*, novo longa de Kleber Mendonça Filho, consagrado em Cannes e considerado, desde já, candidato real a repetir a estatuetta em Los Angeles. Em Gramado mesmo, tivemos a estreia nacional fora de competição de *O Último Azul*, de Gabriel Mascaro, que chegou ao Palácio dos Festivais credenciadíssimo pelo Urso de Prata no festival de Berlim. Há bons motivos, portanto, para acreditar que *Ainda Estou Aqui* (mesmo com todas as particularidades de um filme que, desde o começo, tinha um plano traçado para o sucesso internacional) não é evento isolado, e que o cinema brasileiro vive, de fato, um momento significativo de atenção e reconhecimento no exterior.

“Não lembro de algum outro ano tão particularmente potente para o cinema brasileiro”, admite

Rodrigo Santoro, que atua em *O Último Azul* e recebeu nesta edição de Gramado o Kikito de Cristal, em reconhecimento à sua significativa carreira fora do País. Ainda assim, o ator de sucessos como *Che* e *300* reforça que o interesse pela nossa cultura, em certa medida, sempre esteve lá. “Há muitos anos, sempre que eu falo de onde venho, as pessoas respondem dizendo ‘Oh, Brazil!’, com um tom de entusiasmo, como uma exclamação. E eu tento, sempre que posso, falar que temos uma cultura muito diversificada, muito rica, que não fica só no futebol, no Carnaval e nas belezas naturais. Eu acho muito bonito que isso esteja sendo reconhecido pelo mundo”, anima-se.

É de se discutir (e isso, de fato, foi muito discutido em Gramado neste ano) se a chancela do Oscar era mesmo tão importante, ou se faz mesmo tanta diferença. Mas ninguém que viva o cinema no Brasil poderá negar o peso que a estatuetta tem no imaginário em

torno da sétima arte - ou ignorar que, para uma parcela significativa do público consumidor de cinema no País, o fato de levarmos um Oscar para casa traz uma atenção renovada para o nosso quintal.

“O Brasil é um país muito apaixonado por essa coisa de torcida, então, acho que o cinema meio que entrando nesse lugar do futebol é algo divertido, nos conecta emocionalmente com o cinema feito aqui”, diz Gustavo Mascaro, diretor de *O Último Azul*. “Acho que essa visibilidade que o Oscar traz tem o efeito, acima de tudo, de ajudar a que o público brasileiro saiba mais sobre o cinema feito por aqui. Fico torcendo que esse reconhecimento internacional tenha força para criar mais mecanismos de financiamento, para permitir uma descentralização da produção, para que um Brasil mais plural possa estar ocupando esse espaço, mostrando o seu olhar”, pondera.

“Ganhar um Oscar é uma luz

jogada de lá dos Olimpos cinematográficos, que vem para nos dizer: ‘observem o que vocês têm aí na casa de vocês, na casa de vocês há coisa boa’”, afirma o professor e crítico cinematográfico Marcos Santuário, um dos curadores da mostra competitiva nacional de Gramado. “Então, quando Walter Salles e Fernanda Torres chegam lá, e muita gente torce por eles como se fosse uma Copa do Mundo, vai se consolidando essa ideia: ‘opa, nós temos coisa boa’. E aí a gente acaba recebendo (para seleção) essa quantidade enorme de filmes mostrando que o Brasil produz, que há gente trabalhando muito fervorosamente nisso, dedicando a sua vida e querendo que dê certo, contando histórias significativas, cativantes e relevantes para o atual momento do cinema. É a autoestima do cinema brasileiro, e do público brasileiro, que cresce.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Experiência inesquecível

O romance *Grande Sertão: Veredas* completa, no próximo ano, seu 70º aniversário. Guimarães Rosa, de modo geral, tem tido sorte com as recriações de seus textos no teatro. Basta lembrar o conto *Meu tio, o Iauaretê*, recriado extraordinariamente por Paulo Autran. No caso do romance de 1956, tivemos uma épica versão de Bia Lessa, apresentada no Teatro do Sesi, e, agora, esta trilogia proposta por Gilson de Barros, que foi mostrada, em três noites sucessivas, no Teatro Olga Reverbel: *Riobaldo*, criação de 2020, que mereceu indicações para o Prêmio Shell para ator e dramaturgia; *No meio do redemunho*, de 2022 e, mais recentemente, *O julgamento de Zé Bebelo*. O espectador pode assistir a cada espetáculo separadamente, mas duvido que, ao assistir ao primeiro, não queira conhecer os demais.

Não conhecia Gilson de Barros. Ele é um 'amador' do teatro, no sentido mais literal do termo, embora profissional de longa e premiada carreira.

Apaixonado pelo romance de Guimarães Rosa, ele se pôs a estudá-lo cuidadosamente. A partir daí, nasceu o projeto, atualmente concretizado em três espetáculos, a partir de cortes que ele realiza sobre a obra. Acertadamente, Gilson de

Barros não pretendeu transpor toda a obra. De modo inteligente, ele propôs-se a leituras transversais, de onde o projeto ter-se desdobrado (até aqui) em três espetáculos. Em cada um deles, há um foco que permite a seleção de textos. *Riobaldo* escolheu os amores do personagem, Diadorim - a grande e criminosa paixão - a prostituta Nhorinhá e a ingênua Otacília, que lhe serve de trampolim social. Em *No meio do redemunho*, o acento está dirigido para a discussão entre o certo e o errado, a questão ética levada ao nível do metafísico, sem esquecer a questão ética de sua própria culpa por ter vendido a alma ao diabo (assim como o Fausto de Goethe). Este espetáculo se encerra com a passagem final do romance e, neste sentido, é o que provoca maior emoção no espectador, pois aquelas palavras finais ficam ecoando na nossa cabeça: "Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O se-

nhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia" (p. 460). Por fim, o terceiro espetáculo, chamado *O julgamento de Zé Bebelo*, difere um pouco dos dois anteriores. Aqui, o episódio mencionado é tomado no seu todo, completando-se com os desfechos de vida de cada um dos principais personagens.

O recorte temático transforma os espetáculos em experiências inesquecíveis. Sob a eficiente direção de Amir Haddad, Gilson de Barros não representa: ele encarna o personagem narrador. O aspecto mais eficiente da escolha do ator, que é também seu dramaturgo, é o fato de que, no próprio romance, Riobaldo é o narrador, que recebe um visitante, um homem da cidade, logo transformado por ele em "doutor". Deste diálogo-monólogo se constitui o romance: na medida em que Riobaldo narra para o

outro, narra para si mesmo-; contar para o outro é uma espécie de ato conscientizador (confissão que pretende buscar sua absolvição), resumido na pretendida conclusão de que não há Diabo, há apenas o Homem: na verdade, com isso, e ao contrário do que buscava, Riobaldo condena a

si mesmo a assumir suas responsabilidades por acertos e erros.

Gilson de Barros não representa: ele se torna Riobaldo, assim como dá voz aos demais personagens que evoca. É como uma canção de gesta medieval, épica na guerra e lírica nos amores. Gilson/Riobaldo contam para a plateia, no melhor exemplo do que Walter Benjamin idealizou no texto *O narrador*: só, que neste caso, em um duplo nível, o do personagem e o do intérprete propriamente dito, aqui transmutados em um só.

Comecei a ler o romance pelo menos umas quatro vezes, até concluí-lo. Depois, já o li inúmeras vezes, algumas passagens sei de cor. Daí que ouvir e ver Riobaldo falando meu deus arrepios de emoção. Gilson/Riobaldo são uma presença avassaladora: a pequena figura sentada numa cadeira, no meio do palco, sob o olhar do *spotlight* se agiganta e nos envolve toda. Experiência inesquecível.

Gilson de Barros é um 'amador' do teatro. Apaixonado pelo romance de Guimarães Rosa, se pôs a estudá-lo cuidadosamente



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Dolorosa descoberta

Em seu primeiro filme em longa-metragem, a diretora alemã Mareike Engelhardt se arrisca abordando um tema tão contemporâneo quanto difícil de ser abordado. Ela própria reconhece que o interesse despertado na futura realizadora pelos filmes de Michael Haneke, cineasta que abordou de forma direta e corajosa o tema da violência escondida pelas convenções e parcialmente oculta por interesses diversos, foi um dado importante no momento de dar um novo passo em sua carreira.

No caso de *Rabia*, que trata dos métodos usados pelo Estado Islâmico no trato e no processo disciplinar de jovens europeias que voluntariamente se dirigiam à Síria, a fim de se tornarem esposas de combatentes de um califado, essa influência é clara. O filme é, antes de mais nada, um duro golpe em quem, ciente da crise de valores contemporâneos, pensa, levado pelo descontentamento com as normas ocidentais, encontrar o paraíso em propostas alternativas.

A própria cineasta fala em fascismo disfarçado em religião e diz que, ao realizar o filme, foi impulsionada por um desejo antigo: saber porque no passado, uma geração se deixou seduzir em seu país por propostas tão irracionais como bárbaras. O filme, mais do que um ensaio político, procura ser um estudo sobre a fuga de um tipo de opressão e o encontro com outro gênero de tirania. Evitando aproximação com dissertações destinadas a expor fatores econômicos e políticos, a cineasta se concentra em filmar a dor de quem passa a ser vítima, num drama gerado pela misoginia e pelo supremo desrespeito gerado pela crença numa suposta superioridade.

Talvez não seja exagero ver no drama vivido pela protagonista - e por muitas das que, como ela, acreditaram em fantasias enganadoras - uma caricatura dramática do que se passa em sua sociedade. Em mais de um momento, o filme faz referências em tal sentido, principalmente nas marcas deixadas em uma das noivas. A primeira cena do filme não deixa de colocar tal tema, ao mostrar na tela o desespero de uma idosa doente e o descon-

forço da aspirante à enfermeira, que trata de paciente terminal. A cena que vem depois dessa abertura não deixa dúvida sobre o tema a ser tratado. Relevante, sem dúvida, é o paralelismo entre a cena inicial e aquela na qual a protagonista ministra uma dose de morfina na diretora da *madafa*, casa em que as noivas dos combatentes são pacientes de um severo e desumano processo disciplinar. É quando Jessica (este o nome verdadeiro da personagem principal) volta a ser integrante do ritual visto no prólogo. A poderosa diretora da casa de preparação é outra figura relevante, pois de certa forma é também vítima do sistema, cujos métodos o filme vai aos poucos revelando.

Em uma cena, a da tentativa de estupro, Engelhardt revela de forma direta o que o filme pretende. O combatente, visto nos planos iniciais como um homem simpático e equilibrado, transforma-se num

agressor, mostrando assim a verdade que cerimônias e rituais procuram esconder. Na essência o filme é uma síntese do drama gerado pelo confinamento de instintos e pela prisão de forças contrárias à civilização. Quem vier a ver no trabalho da diretora

e também roteirista um panfleto estará equivocado. O filme não pretende ser um ataque. Nas cenas finais, quando o futuro é sugerido pelos sofrimentos de uma criança, não há qualquer traço de otimismo superficial e enganador. São filmes como este que demonstram que ainda há muito a se tornar dominante em momentos destinados a criar uma nova realidade. O cinema tem sido, nos últimos anos, um instrumento importante numa jornada esclarecedora, o que torna dispensáveis análises apenas formais. As imagens continua sendo um espelho revelador. Os que desviam o olhar apenas tentam fugir de um mundo. São os que se recusam a contemplar verdades inteiramente reveladas. *Rabia* é mais um filme que através de destinos individuais procura expor tumultos e sofrimentos, focalizando um cenário desprovido de espaços destinados a preservar o humanismo.

A cineasta se concentra em filmar a dor de quem se vê vítima, num drama gerado pela misoginia e pelo supremo desrespeito

fique ligado

Segunda edição do Candeeiro da Cultura Gaúcha

No sábado, Porto Alegre recebe a segunda edição do Candeeiro da Cultura Gaúcha - Festival Artístico-Filosófico. O evento inicia às 17h, na Concha Acústica do Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089), com um espetáculo cênico-musical em torno das virtudes do gaúcho. A seguir, o público é convidado a atravessar a Praça da Matriz em cortejo artístico até a sede da

Nova Acrópole (Praça Marechal Deodoro, 148). Lá, a noite segue com gastronomia típica, *tour* guiado e atrações culturais. O espetáculo terá nomes como Píriscia Grecco, Maria Alice, o duo Paloma e Miquí e a Cia La Negra, além dos grupos da própria Nova Acrópole, Coral Euterpe e Camerata Orfeu. Ingressos por R\$ 95,00 na bilheteria ou site do Theatro São Pedro.

Agenda

- Neste sábado, a partir das 14h, a sede da Terreira da Tribo (av. Pátria, 98) recebe a 1ª edição do Festival Banho de Amar. O encontro une música, poesia, dança e artes visuais em uma programação diversa e gratuita.
- Também no sábado, às 15h, o projeto Cine Anime promove debate e divagações psicanalíticas sobre o filme *O Conto da Princesa Kaguya*, no Instituto Ling (João Caetano, 440). Ingressos no site do instituto.
- Na sexta-feira, às 20h, o Casarão de Cordas & Cordas (Garibaldi, 1025) recebe o espetáculo *Cabará Chico*, que une canto e cena, inspirado na dramaturgia musical de Chico Buarque de Hollanda. Ingressos a R\$ 25,00.
- No domingo, a partir das 15h, acontece o espetáculo *Música nas Alturas* do grupo Gente Grande Também Brinca nas Praças no Parcão de Alvorada (Pres. Getúlio Vargas, 2.239 - Alvorada). A atividade é aberta ao público.
- Neste sábado, às 23h, acontece mais uma edição do Rock N' Bira. Dessa vez, com o trio punk rocker Flanders 72 e covers de Alice In Chains, Charlie Brown Jr, Limp Bizkit e Foo Fighters. Ingressos com *open bar* a partir de R\$ 109,00.
- Oficina de Dança Afrocontemporânea Gaúcha acontece domingo, 15h, no Ponto de Cultura Biguá (Padre Cacique, 116 - Guaíba). O curso faz parte da quarta edição do Encontro de Cultura Popular e Teatro de Guaíba e as inscrições são gratuitas pelo WhatsApp (51) 98196-2869.
- Neste sábado, às 15h, a Orquestra Típica de Porto Alegre recebe o flautista

- Lucian Krolow em concerto que reúne clássicos da música brasileira e internacional, no Choro Jazz Café (Santana, 52). A entrada é franca.
- Quilombo dos Machado (Rocco Aloise, 1.000) será palco do evento de entrega da segunda etapa do projeto Memórias Negras em Verbetes, iniciativa que elaborou um inventário público, participativo, gratuito e acessível. Domingo, 16h, com entrada franca.
- No sábado, às 10h30min, acontece a abertura da exposição *Naturezas Desviantes*, da artista Giselle Belguelman. Com curadoria de Eder Chiodetto, a mostra ocupa três pinacotecas do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega, s/nº) e tem entrada gratuita.
- O Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) recebe o show instrumental Induo, com Luizinho Santos e Bethy Krieger, na sexta-feira, às 21h, com ingressos a R\$ 46,00. No sábado, às 19h, o Max Trio convida Cristiano Ludwig para uma noite de jazz, com ingressos a R\$ 50,00.
- Ainda no sábado, a partir das 11h, o Instituto Ling será casa da feira Abraço Criativo, com produtos feitos à mão por 27 artistas. Também será realizada uma oficina de caleidoscópio e um show com a cantora Andréa Cavaleiro. Entrada gratuita.
- No domingo, às 19h, o projeto Farol.live recebe os músicos Domenico Lancellotti e Ricardo Dias Gomes para um show que une o repertório dos dois artistas no Átrio do Farol Santander Porto Alegre (Siqueira Campos, 1125). Ingressos a R\$ 30,00 via Symppla.

Outroeu no Teatro Túlio Piva

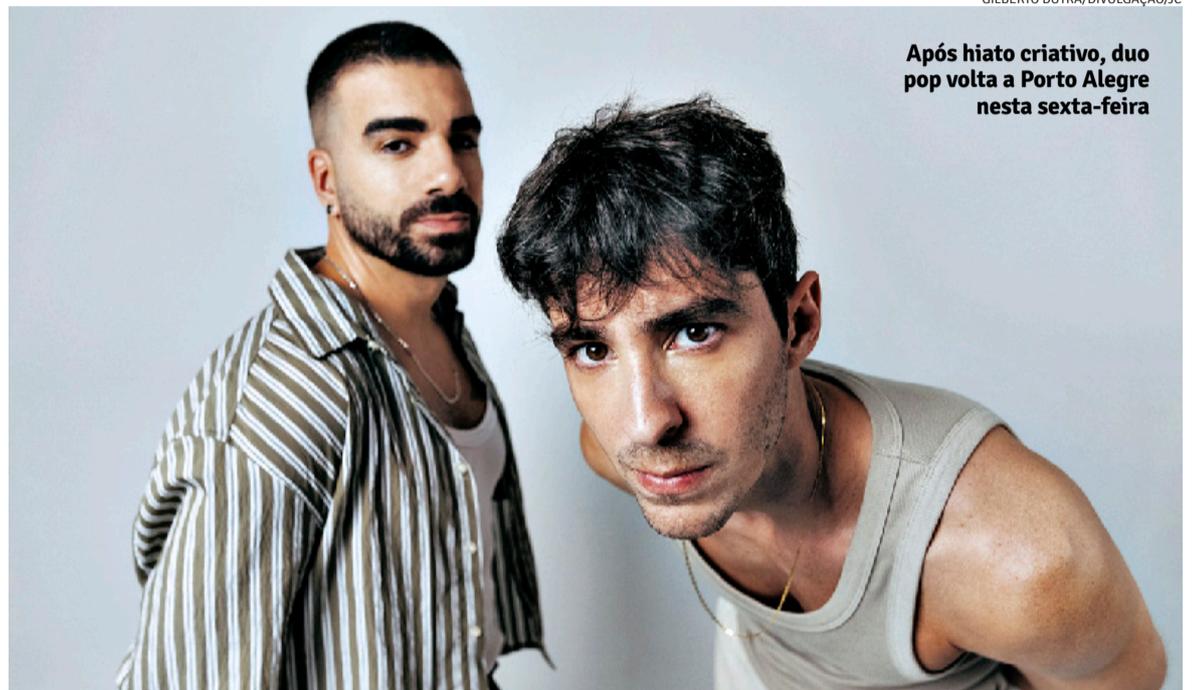
Após um hiato criativo, o Outroeu volta a Porto Alegre nesta sexta-feira, às 21h, para um show no Teatro de Câmara Túlio Piva (República, 575). O duo disponibilizou há poucos dias dois novos singles nas plataformas de *streaming*, intitulados

Viver de Carinho e *Um Doce, Uma Flor*, garantidos no *setlist* da apresentação.

Impulsionado por essas canções, o duo formado por Mike Túlio e Guto Oliveira é conhecido por misturar pop, folk e MPB, e ficou conhecido nacionalmente

por sua participação num *reality* musical em 2016. No repertório do show, os seus principais sucessos, como *Coisa de Casa*, *Não Olha Assim Pra Mim*, *Oceana*, *Ai de Mim* e *Ninguém Precisa Saber*. Ingressos a partir de R\$ 100,00 via Symppla.

GILBERTO DUTRA/DIVULGAÇÃO/JC



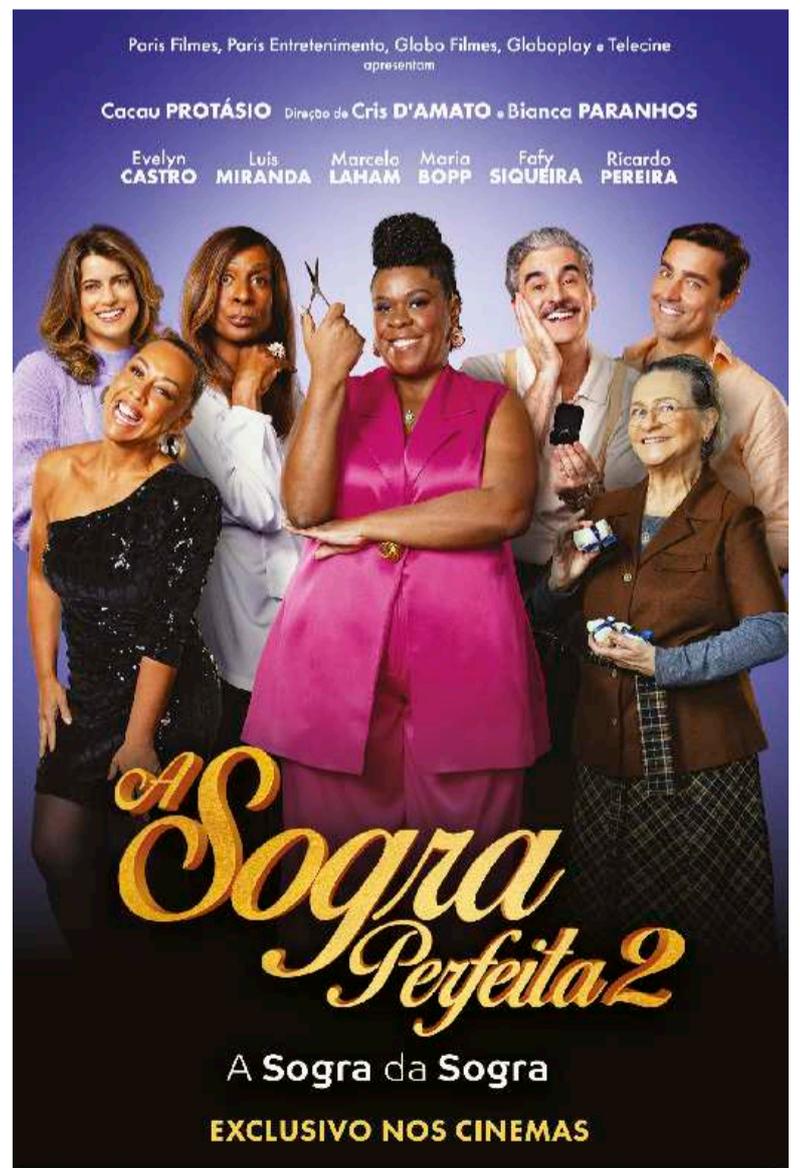
Após hiato criativo, duo pop volta a Porto Alegre nesta sexta-feira

Gritando hardcore a plenos pulmões

A banda paulista Gritando HC, uma das mais expressivas do hardcore nacional, volta a Porto Alegre neste domingo, no Caos Bar (João Alfredo, 701), a partir das 18h. O show celebra os 31 anos de estrada do grupo e marca o lançamento do novo álbum, *Libertariamente* (2025). A noite ainda conta com as bandas 3D, Atrack e Jaydson. Ingressos a partir de R\$ 60,00 pelo Symppla.

História do pagode no Araújo Vianna

Três ícones do pagode dos anos 1990 desembarcam em Porto Alegre para uma noite de nostalgia e celebração. Netinho de Paula, Chrigor e Márcio Art apresentam o show *Samba 90 Graus no Auditório Araújo Vianna* (Osvaldo Aranha, 685), no sábado, às 21h. O espetáculo reúne sucessos que marcaram gerações, como *Temporal*, *Cohab City*, *Telegrama*, *Pimpinho* e *Me Apaixonei pela Pessoa Errada*. Ingressos pelo Symppla, a partir de R\$ 80,00.



reportagem cultural

Um olhar afetuoso para quem vive o cinema

Igor Natusch*

Quem vive a cultura no Brasil sabe: nosso País tem o mau hábito de não olhar para si com a atenção - e, muitas vezes, com o carinho - que deveria. Não são poucos os que, durante décadas, têm feito a engrenagem do cinema brasileiro girar - e Gramado tem cumprido, há mais de cinco décadas, o dever

de oferecer a essas pessoas um justo espaço de destaque, antes das luzes se apagarem e do filme tomar conta da tela. Uma tarefa nobre que, talvez de forma paradoxal, se torna mais simples - e mais abrangente - quando o reconhecimento de fora reforça o que, do lado de cá, há tempos já se dizia.

“Eu sinto que é um momento de renascimento (do cinema

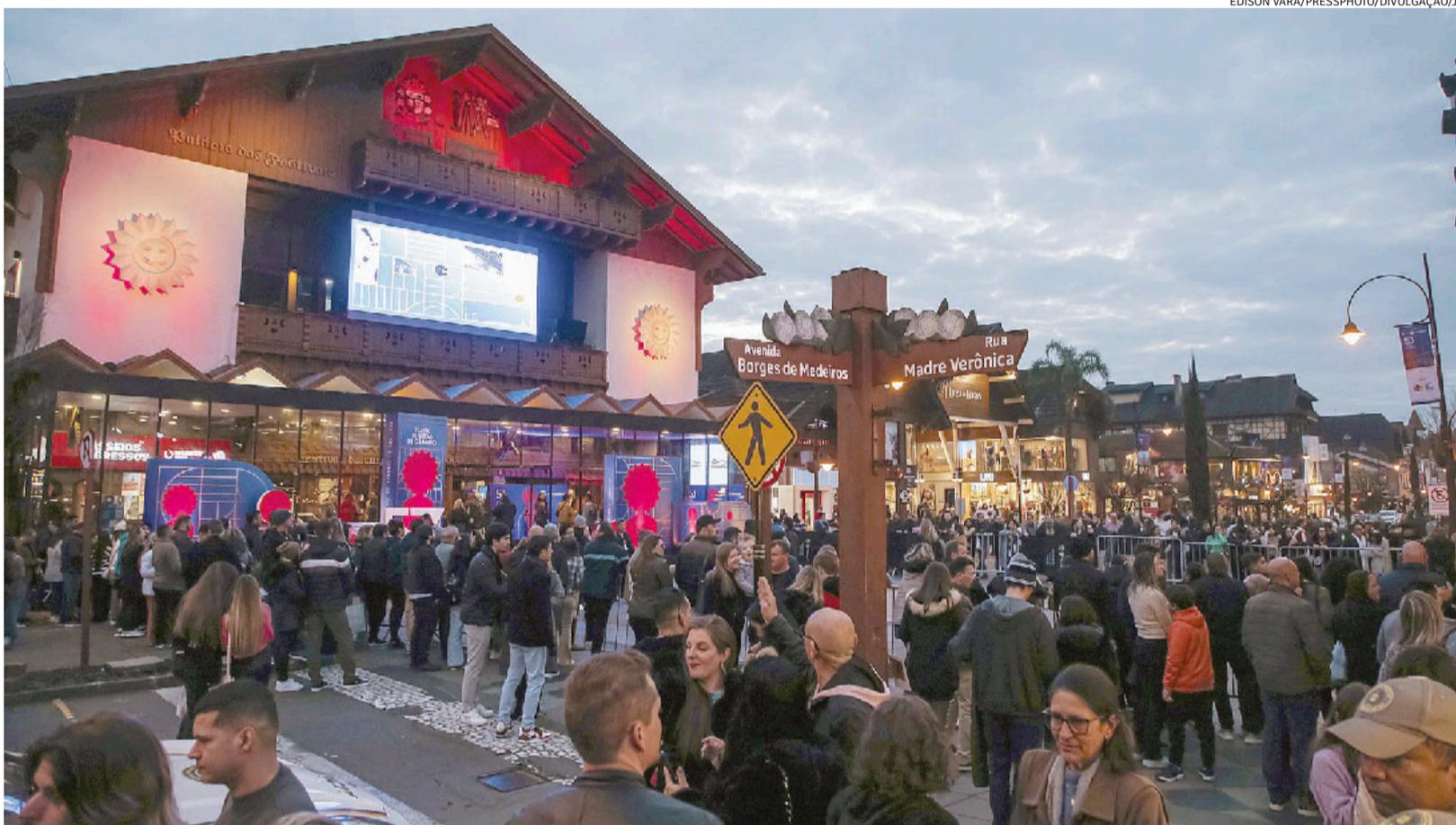
brasileiro). Não acho que (o Oscar para *Ainda Estou Aqui*) seja uma validação, mas é um reconhecimento da qualidade do nosso cinema”, afirma o ator, músico e compositor Leo Jaime, que esteve em Gramado como parte do elenco de *Papagaios*, de Douglas Soares. “(Quando aceitei participar do longa) eu vinha com esse questionamento: qual o valor que a gente dá

para as pessoas que constroem a nossa subjetividade? Não tem uma cidade chamada Cássia Eller, uma rua Rita Lee, uma avenida Cazuza ou Paulo Autran. O aeroporto Antônio Carlos Jobim (no RJ) chama de Galeão, Tim Maia virou uma ciclovia que caiu no segundo dia”, enumera.

Em uma realidade como essa, cabe a festivais como Gramado

o papel não apenas de exibir o cinema brasileiro, mas de puxar a justa salva de palmas a quem faz com que ele aconteça. Além de Rodrigo Santoro, que recebeu o Kikito de Cristal, o festival concedeu prêmios especiais a figuras importantes na história do nosso cinema. Os principais foram o Eduardo Abelin, entregue à produtora de cinema Mariza Leão, e o troféu Oscarito, agraciado à atriz Marcélia Cartaxo - ela mesma uma figura simbólica do sucesso de nosso cinema fora do Brasil, tendo recebido o Urso de Prata em Berlim na sua estreia na telona, com *A Hora da Estrela* (1985), de Suzana Amaral.

“Particularmente, não me interessa fazer cinema para agradar um olhar colonial”, afirma a diretora Laís Melo, que esteve no festival com seu primeiro longa, *Nó*. “Porém, a gente olha para festivais de cinema muito sérios também, e é positivo saber que as nossas histórias, as nossas latinidades estão ocupando esses espaços e recebendo essas chancelas. Porque são chancelas, não é? O que define quem vai ocupar esse espaço, a partir de qual perspectiva, quem define o que é o melhor filme, a melhor foto? Acho que são questões que estão sempre pulsando. Então, saber que, nesses espaços consolidados, filmes construídos a partir de múltiplos olhares da nossa brasilidade estão ganhando espaço... É algo que eu saúdo, de verdade.”



53ª edição do Festival de Gramado teve público estimado de 40 mil pessoas, entre cineastas, artistas, jornalistas e estudantes, além de 400 mil visitantes

Potência feminina e rompimentos de narrativa

A mostra competitiva nacional deste ano trouxe, ao todo, dez filmes voltados a diferentes aspectos da experiência brasileira. Além dos quatro documentários - *Até Onde a Vista Alcança* (SP), de Alice Villela e Hidalgo Romero; *Lendo o Mundo* (RN), de Catherine Murphy; *Os Avós* (AM), de Ana Ligia Pimentel; e *Para Vigo Me Voy* (RJ), de Lírio Ferreira e Karen Harley - seis longas de ficção movimentaram as noites de exibição no Palácio dos Festivais. Dois deles trouxeram diretoras mulheres em suas estreias no formato de longa-metragem: *Nó*, assinado por Laís Melo, e *A Natureza das Coisas Invisíveis*, de Rafaela Camelo. Em comum, ambos contam histórias nas quais a presença masculina é quase ausente, detendo o olhar sobre a construção de afetos (e a vivência da dor) em universos estritamente femininos.

Outro ponto em comum entre os longas é o olhar sensível na

direção das mulheres trans - em especial no caso de *Nó*, que retrata a personagem Magali (Fernanda Silva) de tal forma que ela apenas existe diante da tela, sem a responsabilidade quase onipresente de carregar um discurso sobre a própria sexualidade. “Eu acho que *Nó* é um filme completamente ordinário”, pondera Laís Melo. “Ele tem essa narrativa macro, mas, dentro disso, a gente tem ciclos, dias que vão e passam, esse lugar ordinário mesmo da vida. Então, uma personagem como Magali chega e apenas existe, e é isso que nos interessa: fazer essas pequenas fabulações, no desejo que elas sejam cada dia mais reais e naturais também”.

Além dessas duas estreias, a mostra competitiva nacional trouxe os longas *Papagaios*, de Douglas Soares; *Querido Mundo*, de Miguel Falabella; *Sonhar com Leões*, de Paolo Marinou-Blanco; e *Cinco*



Equipe do longa-metragem brasileiro *Nó*, de Laís Melo, uma das obras que valorizou o feminino no Palácio dos Festivais

Tipos de Medo, de Bruno Bini, escolhido pelo júri como o melhor filme desta edição. Mais equilibrada do que em anos anteriores, a seleção

conseguiu aproximar filmes que, em princípio, pouco ou nada teriam de semelhantes entre si - mas que, vistos em conjunto, apresen-

tavam conexões significativas, como a propensão a rompimentos drásticos (e intencionais) no ritmo da narrativa.

Do tapete para a tela, e vice-versa



Calçada da Fama de Gramado ferveu com a presença diária de celebridades como a atriz Bruna Linzmeyer

Quando se pensa no Festival de Gramado, o tapete vermelho e a tela do Palácio dos Festivais têm a mesma importância. De fato, o festival desde sempre acontece nesses dois universos: a resistência e provocação criativa dos novos realizadores depende do *glamour* das celebridades na Rua Coberta para existir, e vice-versa. Na edição deste ano, talvez a comédia dramática *Querido Mundo* tenha sido a que melhor atuou para trazer gente famosa a Gramado: além do diretor Miguel Falabella, atores e atrizes como Malu Galli, Eduardo Moscovis, Marcelo Serrado e Danielle Winits estiveram na cidade serrana, participando de eventos ligados ao festival e sendo alvo de gritos e pedidos de *selfies* pelo público.

Outros filmes selecionados contribuíram para a movimentação de astros, consideravelmente maior do que em anos anteriores. *Sonhar com Leões* trouxe Denise Fraga a Gramado, enquanto a atriz Bella Campos, atração da TV aberta no *remake* da novela *Vale Tudo*, integra o elenco do premiado *Cinco Tipos de Medo* - que também atraiu a atenção do público mais jovem pela presença do rapper Xamã, em sua estreia cinematográfica. Fora de competição, a exibição do primeiro capítulo da série *Máscaras de Oxigênio Não Cairão Automaticamente* levou ao tapete vermelho famosos como Bruna Linzmeyer e Icaro Silva - e, como parte da equipe de jurados ou da curadoria, nomes como Edson Celulari, Isabel Fillardis, Caio Blat e Camila Morgado também marcaram presença.

Nos corredores, a presença de famosos foi vista como positiva, sinal de recuperação do festival (e da cidade) após os impactos pesa-



Rodrigo Santoro foi homenageado pelo festival com o Kikito de Cristal

dos da pandemia e das enchentes do ano passado. Depois de anos em que a badalação perdeu força na alquimia de Gramado, o *glamour* finalmente deu sinais de estar retornando - o que abre um sorriso no rosto do setor econômico gramadense, mas também é boa notícia para quem vive do cinema.

“Em 2012, quando a Gramado Tour convida José Wilker, Rubens Ewald Filho e eu para uma nova curadoria, essa questão já era fundamental, porque havia a percepção de que os filmes anteriores estavam afastando as pessoas do

tapete vermelho”, relembra o curador Marcos Santuário. “O festival não é nosso, da curadoria: ele é de Gramado, ele pertence a Gramado. O evento é um grande produto, e a gente traz um conteúdo para esse evento. Mas sem uma dicotomia, uma separação entre o tapete e a tela. Quem passar pelo tapete vai estar na tela. E quem for reconhecido ao passar no tapete não vai ser uma celebridade vazia da contemporaneidade: vai ser porque tem talento, contribui com a indústria e faz parte de uma representação potente do cinema brasileiro.”

Buscando um bom caminho

Embora seja sempre retrato de momento do cinema brasileiro, Gramado é também uma seta para o futuro. Não apenas por abrir a porta e a tela para realizadores que trazem a novidade às salas do País e do exterior, mas por encorajar discussões sobre o cinema que está por vir, em especial no Conexões Gramado Film Market, que promoveu debates e mesas de negócio em paralelo às exibições de filmes. Em um momento de efervescência, com o Oscar na estante e o mundo prestando atenção em nosso cinema, é natural que haja certo entusiasmo - embora não sejam poucas as vozes advertindo que ainda há muito a ser feito.

“São submetidos cerca de 1.200 roteiros por ano (aos editais de fomento ao audiovisual), e apenas uns 30 vão entrar de fato em produção. O Brasil lança mais de 200 filmes por ano, mas o *market share* vai ficar com 5 deles e os outros 195 não serão vistos por quase ninguém. Isso me dói, não se constrói uma forma de valorizar esses filmes como merecem”, lamenta Mariza Leão, uma das mais importantes produtoras do nosso cinema e que recebeu o troféu Eduardo Abelin. “Hoje, realizadores e produtores experientes disputam com os novatos os mesmos espaços, os mesmos financiamentos. Isso não é justo com quem está começando, e também não é justo com quem está na luta há muito tempo. A gente corre risco de estar se enganando que um Oscar ou um Urso em Berlim são demonstrações de potência, e

que isso basta. A potência existe, mas a solução não está aí (nas premiações)”, adverte.

“Eu espero que esse sentimento fique, não é? Que as pessoas realmente se interessem não só pelos filmes brasileiros que vão para o Oscar, mas também por conhecer esses outros filmes do Brasil, filmes que não são do eixo Rio-São Paulo”, pondera Rafaela Camelo, diretora de *A Natureza das Coisas Invisíveis*. “É preciso pensar que há muita coisa sendo produzida, e a gente que está próximo do cinema sabe que um filme leva, às vezes, seis anos ou mais para ser feito. Aí vemos alguns comentários do tipo ‘agora o cinema brasileiro vai decolar’, mas pô, o filme já estava sendo produzido, já está na pista para decolar há muito tempo. Estamos vivendo, sim, um grande momento, mas é algo que a gente não pode deixar de alimentar.”

“Festival não é só exibição, é negócio também”, reforça Marcos Santuário. “Posso te garantir que, nesses 10 dias (de evento), já temos negócios saindo, novos filmes já estão sendo projetados, pensados, organizados, estruturados. Tem gente já se preparando para escrever roteiros que nascem, como projeto, aqui em Gramado e que vão gerar produções mais tarde. Essa também é função do festival, servir como um estímulo e um espaço para novas iniciativas e novas carreiras no audiovisual. Se conseguirmos juntar isso com esse sentimento positivo em torno do cinema brasileiro, vamos estar em um bom caminho”, conclui.



Cinco Tipos de Medo, de Bruno Brini (centro), foi o melhor longa brasileiro

Igor Natusch é jornalista e escritor e atua como editor de Cultura do Jornal do Comércio. Nos anos de 2019 e 2020, conquistou o primeiro lugar no Prêmio ARI de Jornalismo, na categoria Reportagem Cultural.

nas telas

Em busca do direito de morrer

Dirigido e roteirizado por Paulo Marinou-Blanco, *Sonhar com Leões* é protagonizado por Denise Fraga e lida com um tema desafiador e, para muitos, desconfortável: o direito humano de dar fim à própria vida. Em forma de tragédia surreal, o longa conta a história de Gilda, uma imigrante brasileira que vive em Lisboa e que descobre que tem apenas um ano de vida, devido a um câncer que

fatalmente causará dor e limitações severas. Ela tem como único desejo morrer enquanto ainda é ela mesma, com dignidade e sem dor. Com esse objetivo, acaba se envolvendo com uma empresa misteriosa que promete facilitar o processo legalizado para a eutanásia, onde conhece um jovem agente funerário (João Nunes Monteiro) que tem a habilidade de se comunicar com os mortos.

PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO/IC



Denise Fraga é a protagonista de *Sonhar com Leões*, novidade nos cinemas

Lições de Liberdade no Cinepsiquiatria

O projeto Cinepsiquiatria, que promove reflexões sobre saúde mental a partir da sétima arte, realiza sua próxima edição no sábado, às 10h30min, no GNC Cinemas do Praia de Belas Shopping. O filme escolhido para este mês é *Lições de Liberdade*. Inspirado em uma história real, o longa acompanha Tom, um professor britânico desiludido que vai trabalhar em um colégio

interno na Argentina em 1976. Durante uma viagem, ele resgata um pinguim encoberto de óleo — batizado de Juan Salvador — e a relação inesperada com o animal acaba transformando sua visão de mundo, suas relações com os alunos e seus posicionamentos em meio ao contexto político conturbado do país. Ingressos, em meia-entrada, à venda no site do GNC Cinemas.

Em busca de um refúgio final

Com direção de Clarissa Campolina e Sérgio Borges, *Suçarana* é um *road movie* que explora paisagens devastadas do estado de Minas Gerais para discutir a dificuldade de uma existência que abrace o coletivo. Dora (Sinara Teles) está em busca de uma terra perdida sonhada por ela e por sua mãe. Carrega consigo uma foto antiga com o

nome Suçarana, única pista desse lugar mítico onde ela imagina que possa encontrar pertencimento. Guiada por um misterioso cachorro, encontra refúgio em uma vila de trabalhadores de uma fábrica abandonada, que vivem em coletividade. A cada novo encontro, porém, seu destino parece sempre um pouco mais distante.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

"Complementação" das vacinas contra a covid-19	Referência internacional da capoeira	Formação básica da quadrilha junina	Postura simbolizada pelo Marechal francês Pétain, na 2ª Guerra	Marechal francês Pétain, na 2ª Guerra	Efeito esperado do factoide
Desorganização generalizada	Cão tricéfalo capturado por Hércules (Mit.)		Avaliar (fig.)		
Jodie (?), atriz dos EUA					
		"O Jardineiro (?)", filme de 2005			
Vulcão ativo da Antártida	Thiago Silva, zagueiro brasileiro	(?)-marinha, animal venenoso			
"(?) ao Burguês", poema modernista			Coordena a Saúde Pública (sigla)	Emily Brontë, escritora inglesa	
	Escora (Náut.)				
Queijo sem sal usado em dietas	Estado de Canoa Quebrada (sigla)	"Bureau", em FBI		Ponta aguda de objeto	
A Cidade do Algodão (SP)		Rio que nasce na Turquia e corta Bagdá, no Iraque	Neurotransmissor associado ao prazer		
		Juro superior à taxa legal	Significado do "D" na sigla "HD"		
Fernand Braudel, historiador francês	Metáfora para a passividade social			Fora de (?): em estado de fúria	
			Brinquedo giratório de madeira		
Obrigar (alguém) a fazer algo	Decibel (símbolo)	Escola de Belas Artes (sigla)		Vazios por dentro	
Roentgen (símbolo)	(?) sequitur: tipo de silogismo (latim)		Bas-(?): a intelectual de letras (fr.)		(?) the rocks: o uísque com gelo
Erro ortográfico de "omissão"			Imposto cobrado do autônomo (sigla)		
Os monumentos feitos de uma só pedra	Prefixo de "esfriar": transformação		Medida de velocidade náutica		Chefe de James Bond (Cin.)
A vitamina da defesa imunológica					
Característica do discurso inflamado					

BANCO 2/on. 3/non. 4/bleu — disc — fiel — lerne. 6/erebus. 7/cérebro.

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.usinecoquetel.com.br

QR Code: Acesso ao site

COQUETEL

@coquetel / @ilParaCoquetel

Solução

O	M	S	V	I	S	U	L	N	E
W	O	N	S	E	O	N	O		
S	O	C	I	T	L	O	N	O	W
I	O	M	B	D	Ç				
N	O	V	E	B	A	R			
O	Y	A	P	I	R	G	V	O	C
S	I	O	I	G	V	F	B		
C	S	C	D	I	D	E	M	E	L
V	A	P	U	A	T	O	R	I	C
C	R		R		R		E	B	
O	R		R		R		O	D	E
B	E		B		B		E	R	E
R	E		R		R		E	S	P
L	E		L		L		V	E	S
O	R		O		O		F	E	R
O	B		O		O		F	O	S
C			C		C		A	L	V
							P	M	

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Momento para consolidar melhores condições de saúde. As condições de trabalho são agora bastante boas, facilitando a produtividade. O conforto doméstico está beneficiado.

♉ Touro: As viagens de lazer e as diversões no cotidiano também, e hoje tem tudo para ser um dia satisfatório. A comunicação e a expressão de ideias e valores pessoais estão favorecidas.

♊ Gêmeos: Bons negócios podem ser efetuados. Recursos disponíveis para realizar desejos pessoais. Os bens familiares e o patrimônio pessoal tendem a crescer e se consolidar.

♋ Câncer: O contato com um lugar ou pessoa nova será importante. Você está mais envolvente no modo de ser e de se comunicar. A rotina será melhorada pelo uso da criatividade.

♌ Leão: As facilidades correm em direção ao socorro dos apuros e a superação de obstáculos nos negócios. Atenção para o excesso de autoconfiança que poderia lhe comprometer.

♍ Virgem: Momento em que você mostra boas qualidades: generosidade, hospitalidade, boa disposição, vitalidade física e sentido de proteção às pessoas. Use bem tudo isso.

♎ Libra: Um dia positivo para superar problemas no trabalho e os mais diversos tipos de obstáculos materiais. Não apenas por sorte, mas por encontrar e aproveitar a boa chance.

♏ Escorpião: Pensamentos generosos e otimistas tendem a favorecer seus planos e a orientação para o futuro. É bom mostrar-se confiante e aproveitar a boa direção que lhe é apontada.

♐ Sagitário: Júpiter, seu regente, em bom aspecto com o Sol, indica bons negócios e favorecimentos nos empreendimentos profissionais. É tempo de trabalhar em nome do futuro.

♑ Capricórnio: A boa vontade para com as pessoas é uma atitude que atrai hoje boas situações. É preciso ter a verdadeira boa vontade, aquela em que se está disposto a dar o melhor.

♒ Aquário: Você está mais encantador e se envolve facilmente com as pessoas queridas. Os sentimentos amorosos se intensificam. O trabalho leva a bons resultados materiais.

♓ Peixes: Momento para mostrar seu lado mais nobre, e também para confiar um pouco mais em si mesmo. As relações e os sentimentos afetivos estão positivamente estimulados.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

A vida de uma mulher no apogeu e queda da Argélia Francesa

Se o destino nos trazer de volta (Editora Planeta, 448 páginas, R\$ 89,90, tradução de Sandra Martha Dolinsky) é o novo livro e sexto romance da autora *best-seller* Maria Dueñas, que vem sendo aclamada como uma das grandes autoras de língua espanhol da atualidade.

Maria estreou com o *best-seller* *O tempo entre costuras* em 2009, depois de duas décadas dedicadas à vida acadêmica. Escreveu também *A melhor história está por vir*, *As filhas do capitão* e *Sira*, a continuação do grande sucesso *O tempo entre as costuras*. As obras venderam milhões de exemplares, cativaram leitores e críticos de todo o mundo, foram traduzidas para mais de 35 idiomas e adaptadas para séries de televisão.

Se o destino nos trazer de volta traz a trajetória da jovem de nome falso Cecília Belmonte. Sozinha ela

desembarca em Or, uma cidade africana de raízes árabes, alma espanhola e governada por franceses, localizada na Argélia. À primeira vista, Cecília atravessou o Mediterrâneo para fugir da miséria, como muitos outros espanhóis. Mas os verdadeiros motivos da jovem são mais sombrios. Abusada por um forasteiro que pediu abrigo na casa dos pais, ela o mata e foge na esperança de recomeçar a vida.

Sobrevive trabalhando duro nas colheitas, como lavadeira, doméstica ou operária em exaustivas horas nas fábricas. Certa madrugada, envolve-se com um crime que acaba deixando-a aprisionada nas mãos de um homem desprezível. Sua força interior e coragem a salvam. Bem ao estilo internacionalmente consagrado de Maria Dueñas, a história é o retrato comovente da mulher que viveu o apogeu do



colonialismo e o trágico fim da Argélia francesa, com muitas referências históricas e calçado em pesquisas. De quebra, a obra faz um resgate da memória dos esquecidos *pieds-noirs* espanhóis, que, arrastados pela fome, pela guerra e pelo exílio, também fizeram parte daquele mundo.

e palavras...

PARÓDIA DO COMPORTAMENTO ATUAL DA MÍDIA TRADICIONAL

Se você não se liga nas redes sociais e no noticiário da imprensa tradicional, quase sempre catastróficos e altamente duvidosos, que andam por aí, é porque você morreu e talvez nem saiba. Te liga, bico de luz. Se você cai mansinho e sem saber nos algoritmos das redes, periga virar peixe e ser mergulhado em algum aquário deletério. Claro, você pode morar numa ilha deserta, tipo Robinson Crusoe, e ficar curtindo a natureza sem celular e outras telas, até que venha algum visitante te contar os horrores do planeta e tirar tua paz.

Disse o Karl Bernstein, aquele lendário jornalista investigativo norte-americano de 81 anos, que desvendou o Watergate com o colega Bob Woodward, de 82 anos, que o papel de um bom jornalista é oferecer aos leitores a melhor versão da verdade. Verdades existem muitas, isso é mais antigo do que a pergunta do Pilatos para Cristo, que, aliás, respondeu com sua presença e silêncio explicando para o Pilatos que a verdade era ele mesmo. Pois é, mas o Bernstein tem razão, é bom que o jornalista ofereça a melhor versão da verdade, para não dar tanto trabalho às retinas e ouvidos cansados dos fatigados leitores de nosso tempo.

Bah, desculpem esse baita nariz de cera e esse lero lero todo, mas o que eu quero mesmo é falar de um livro divertido, intrigante, instigante e cheio de verdades, escrito gostosamente em tom de farsa. Com *O grande circo - Para entender as acrobacias da imprensa* (Avis Rara, 192 páginas, R\$ 64,90), Gui-

lherme Fiuza, jornalista, escritor e roteirista e autor dos *best-sellers* *Passaporte 2030* e *Fala Brasil*, publicados pela Avis Rara, presta grandes homenagens ao contorcionismo intelectual, à ginástica moral, à acrobacia semântica e ao verdadeiro circo que tomou conta da imprensa tradicional nos últimos anos.

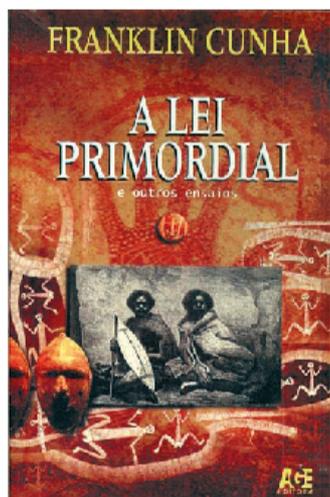
O grande circo é o irmão impresso do Outra Coisa, programa de variedades no fim de semana, criado a pedido de Jairo Leal, fundador e diretor geral da Oeste. O quadro do programa intitulado Imprensa é a maior diversão, se tornou bem mais do que um quadro, e a crítica da mídia ao pé da letra, mesmo com ironia, não deu conta de retratar o nível de distorção que já dominava o noticiário no Brasil e no mundo.

O tom farsesco e a licença do absurdo antes usado nas crônicas foi levado para o audiovisual e surgiu a bancada teatral do jornalismo mentira. Daí surgiu *O grande circo*. O narrador é um jornalista fictício que vai revelando a cada manchete sua técnica para manipular a informação. Através da farsa, do humor e da sátira, Fiuza nos faz pensar como as notícias têm chegado até nós. O atentado contra Donald Trump, a reeleição obscura de Nicolás Maduro, a carta dos Correios para o Gilberto Gil, o primeiro Oscar do cinema brasileiro e a nova onda de censura são alguns dos temas atravessados pelo livro, nesses tempos de "showalismo", "jornaristas" e outras acrobacias, pirotécnicas e atividades midiáticas circenses.

lançamentos



► **Os 150 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul** (CIPEL, 150 páginas), organizado e apresentado por Rafael Bán Jacobsen, presidente do CIPEL, traz textos de José Eduardo Degrazia, Jusara Nodari Lucena, Teniza de Freitas Spinelli e outros sobre fatos, pessoas e localidades da grande imigração que tanto somou, soma e somará para nosso Rio Grande.



► **A Lei Primordial** (Editora AGE, 224 páginas), do consagrado médico e escritor Franklin Cunha, obra de ensaios que recebeu o Prêmio AGES - Melhor Livro de 2015, apresentada por Luiz-Olyntho Telles da Silva, Donaldo Schüler e Luis Fernando Verissimo, fala da origem dos humanos, natalidade, ciência, ponto G, viver 130 anos e outros temas relevantes, com gosto, humor e erudição.



► **E manchado de sangue terá que crescer - Uma vida de lutas** (Minotauro, 412 páginas), de Christopher Goulart, neto do ex-presidente João Goulart, a partir do inquérito que apurou a morte do avô, apresenta um grande, sincero, emocionado e fundamentado memorial sobre sua vida, o avô, Brizola, Brasil, Londres, política nacional recente e outros fatos, pessoas e acontecimentos relevantes.

a propósito

Então é o que temos para hoje. Se você não for para a ilha deserta e não conseguir largar o vício midiático que te intoxicou digitalmente e que está te levando para prisões medievais, trevas e virtuais de polarizações sem lado positivo, aproveite os fatos reais e as farsas do livro e, ao menos, se divirta com os bastidores muito loucos e com

as manipulações travestidas de jornalismo. Em tempos de inclusão e de politicamente correto, você vai querer ser contra o transjornalismo? Desinformado é a mãe! Ah, saudades do Festival da besteira que assolava o País, o famoso Febeapá. Era melhor que esse Festival da Mentira que anda aí, nos tirando. **(Jaime Cimenti)**

pensando cultura

Biblioteca Erico Verissimo é revitalizada

Adriana Lampert

No mês em que completa 35 anos de existência, a Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736) entrega um novo espaço ao seu público frequentador, com a abertura de uma segunda sala para a Biblioteca Erico Verissimo (BEV), prevista para 23 de setembro. A revitalização, modernização e ampliação do lugar integra parte da série de ações e melhorias estruturais realizadas pela administração do centro cultural, dentro da programação comemorativa à data de sua inauguração, comemorada em 25 de setembro.

“A qualificação e a expansão da BEV conta com um projeto de revitalização, que amplia o acervo literário e o próprio espaço físico da biblioteca”, explica a gestora cultural da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), Ana Cristina Steffen. Segundo ela, o projeto, que também se conecta com as comemorações dos 120 anos de nascimento do escritor que dá nome à biblioteca, visa transformar o espaço em um am-

biente contemporâneo, que vai além do conceito tradicional de uma biblioteca.

Iniciada em março de 2023, a obra de expansão do acervo e do espaço físico da BEV conta com recursos de fontes diversas (patrocinadores captados pela Associação dos Amigos da Casa de Cultura Mario Quintana), além de fazer parte do plano bianual da Instituição, que é financiado pela Lei Rouanet e apresentado pela Petrobras. De acordo com Ana Cristina, uma nova área de leitura e pesquisa, que integra a antiga Sala Romeu Grimaldi à biblioteca, criará um ambiente mais arejado com a incorporação da passarela de vidro já existente no prédio, com vista para a cidade e o Guaíba.

“A reestruturação da BEV inclui a instalação de uma grande mesa retangular central, de 8m de comprimento, projetada para ser um ponto de encontro, que abrigará saraus, debates e outros eventos literários, além de servir como espaço de leitura e pesquisa individual”, comenta Ana Cristina. Ela ressalta que,

na prática, foram necessários “de três a quatro meses” de obras para que fosse possível a troca de pisos, acabamentos, mobiliário, além de pintura de estantes e paredes, reorganização do layout e adequações na parte elétrica da nova sala da biblioteca. “Essas intervenções foram coordenadas pelo escritório Salvi e Giorgi e aprovadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae), a fim de que fossem mantidas as características originais do prédio”, observa a gestora cultural da CCMQ.

Focada no público jovem e adulto, a biblioteca ganhou ainda um acervo de livros sobre Artes Visuais, adquirido através de doações de outras instituições como o Museu de Arte Contemporânea (Macrs), o Instituto de Artes Visuais (Ieavi) e o Museu de Arte de São Paulo (Masp). Uma doação do acervo bibliográfico da Fundação Bienal do Mercosul, com cerca de 3,5 mil publicações sobre arte contemporânea latino-americana - entre catálogos de exposições e livros - também está prevista para os

próximos meses. “Cada vez mais, a biblioteca dará espaço para outras artes, além da Literatura, viabilizando também a leitura e a pesquisa nas áreas de Música, Cinema, Teatro, entre outras conectadas com a proposta de espaço multilinguagens da CCMQ”, ressalta Ana Cristina.

Somando atualmente cerca de 13 mil publicações (sete mil obras literárias e quatro mil de Artes Visuais), a Biblioteca Erico Verissimo ainda está ampliando suas coleções de Literatura contemporânea (nacional e estrangeira) e de títulos de leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Também estão sendo adquiridos todos os títulos de artigos Erico Verissimo e Mario Quintana que faltavam no espaço, que hoje abarca a obra completa desses autores. A diversificação do acervo tem como objetivo atrair um público mais vasto, incluindo estudantes universitários e frequentadores interessados em outras áreas da arte, sinaliza Ana. “A gestão da biblioteca também passou

por melhorias, com informatização do catálogo e do cadastro de usuários por meio da plataforma Koha (um sistema que integra todas as bibliotecas da rede da Secretaria de Estado da Cultura de modo virtual), facilitando a pesquisa e o acesso às obras”, emenda.

Ana Cristina destaca que, desde 2023, uma série de melhorias (incluindo também uma revitalização dos espaços já existentes na BEV), como informatização do catálogo, do acervo, do cadastro de usuários e aumento de atividades têm atraído cada vez mais o público-alvo da biblioteca. Somente no primeiro semestre de 2025, o aumento no número de usuários cadastrados foi de 196%. “A esse conjunto de ações já realizadas, inclui-se ainda a exposição de obras raras de Erico Verissimo para as pessoas terem acesso”, afirma.

Mesmo durante as obras, a Biblioteca Erico Verissimo segue oferecendo serviços de leitura, pesquisa local e empréstimo domiciliar, funcionando de terça-feira a sábado, das 10h às 18h.



THIELE ELISSA/DIVULGAÇÃO/JC

Espaço na Casa de Cultura Mario Quintana terá sua área física ampliada, em projeto que se conecta com as celebrações dos 120 anos de nascimento do escritor que dá nome à biblioteca